

Do sabão à pedra de engomar: uma descrição do processo técnico de lavagem e engomagem de roupas à mão em Açu-RN¹

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego*

Resumo: Este artigo se propõe a fazer uma descrição do processo técnico constituído pela lavagem e engomagem de roupas à mão efetuada por mulheres lavadeiras na cidade de Açu, sertão do Rio Grande do Norte. Através do processo, pode-se perceber que é acionado um conjunto de técnicas corporais para compor a técnica de lavar e engomar roupas à mão, que acaba por culminar na constituição de uma identidade de lavadeira. O entendimento, já acumulado pela antropologia acerca da técnica construída e significada por grupos humanos, nos mostra que o homem propõe e executa uma série de passos e ações – com uso de instrumentos – que irão ser importantes para a construção cultural do objeto do processo técnico. Essas ações, técnicas e instrumentos irão ter, antes de tudo, uma eficácia simbólica para que o processo seja concluído e o grupo tenha o resultado final requerido. Com auxílio de caderno de campo, realizei uma etnografia entre mulheres na Lavanderia Pública Municipal Albertina Freire de Mendonça num período que compreendeu janeiro e fevereiro de 2012. O processo que descrevo aqui é tido pelas lavadeiras como responsável por estabelecer quem lava e engoma roupas da maneira eficaz. Este processo, por sua vez, é construído entre as lavadeiras por meio de um passado e de um presente – onde se organizam através do espaço das lavagens – que compõem a tradição de ser uma lavadeira. Essa tradição é nitidamente evocada ao trazer à tona o passado de lavagens no rio Piranhas-Açu e a figura de lavadeiras já falecidas.

Palavras-chave: lavagem e engomagem, técnica, lavadeiras, técnicas corporais.

Introdução

O entendimento já acumulado pela antropologia, acerca da técnica construída e significada por grupos humanos, nos mostra que o homem propõe e executa uma série de passos e ações – com uso de instrumentos ou não – que irão ser importantes para a construção cultural do objeto do processo técnico. Essas ações, técnicas e instrumentos, irão ter, antes de tudo, uma eficácia simbólica para que o processo seja concluído e o grupo tenha o resultado final requerido.

Na própria etnografia romântica de Malinowski (1978), é possível perceber a importância da técnica para construção de um objeto tido como essencial para a economia de troca (*kula*) dos trobiandeses, “a canoa”. Parte do quadro de preparativos para a execução do *kula*, a construção de canoas marítimas utilizadas para transporte dos participantes da troca, respeita uma série de regras, as quais dizem respeito ao corte exato da madeira por meio das pessoas certas, como

¹ Gostaria de agradecer as sugestões dos revisores anônimos da Revista Primeiros Estudos, através das quais esse texto conseguiu respirar melhor, bem como a sugestão de autores para aprimorar a discussão que me propus aqui. Sou grato também a Amana Câmara pela leitura sempre atenta dos meus textos.

* Graduado em Ciências Sociais - UERN

especialistas e outros participantes essenciais. É preciso que todos os passos sejam seguidos rigidamente, inclusive há uma parte que concerne a um ritual mágico que confere velocidade, estabilidade e segurança à canoa. Sem isso tudo, a canoa não se torna a canoa necessária ao *kula*.

Proponho neste ensaio, de forma introdutória, uma descrição do *fazer* das lavadeiras da Lavanderia Pública Albertina Freire de Mendonça de Açu/RN enquanto técnica – tomada aqui analiticamente como processo, ao passo de Leroi-Gourhan (*apud SAUTCHUK, 2009*) que organiza as técnicas segundo os processos que compõem. Isso permite, como mostra Sautchuk (*op. cit.*), considerar os instrumentos não a partir de suas formas, mas segundo seus usos, e as técnicas enquanto ação sobre o que as especifica, e não pelos resultados que finalizam. Além disso, inicio-me também em apontamentos acerca da relação que percebo existir entre o processo técnico e a identidade de lavadeira¹, o segundo resultado do primeiro – e vice-versa.

O que compõe este ensaio baseia-se em observação direta² feita nos meses de janeiro e fevereiro de 2012, através do apoio técnico do caderno de campo. Nos dois meses que compreenderam a observação, estive diariamente com as lavadeiras na Lavanderia Pública – que, embora seja um espaço público na cidade, não deixa de pertencer a um grupo cultural. Desse modo, acompanhei a diária de trabalho na Lavanderia, que se inicia às 6 horas da manhã e encerra-se somente à luz da lua, por volta das 19 horas, quando do fim dos trabalhos. Muito embora tenha conversado abertamente com a maioria das lavadeiras do lugar, durante a observação contei com uma lavadeira que se firmou minha informante, a irmã do meu pai, através da qual consegui informações mais profundas a respeito do grupo e por meio de quem obtive maior acesso entre suas ‘nativas’. Portanto, a entrada no campo foi facilitada pela minha prévia relação de parentesco com uma das lavadeiras. Sendo conhecido entre elas, o acesso se tornou bem maior do que aquilo que poderia desejar um total alheio do sexo masculino, uma vez que se trata de um ambiente de maciça presença feminina.

Ao chegar pela manhã, a primeira coisa a fazer é checar as trouxas de roupas sujas a serem lavadas e as roupas já limpas que precisam ser engomadas. Se encaminhando para as pias, após separarem as roupas sujas por tipos de acordo com o tecido, as lavadeiras iniciam a ensaboação com as próprias mãos, sem nenhum uso de máquinas ou tipos de lavadoras. Com o foco no trabalho individual, de acordo com o grau de afinidade com cada colega, a lavadeira pode discutir temas variados enquanto ensboa, põe para *quarar*, enxágua, estende etc. Esse processo de lavagem é feito com o desempenho árduo do corpo de cada uma, que sente, de acordo

¹É preciso abrir aqui um parêntese, o grupo de lavadeiras que pretendo estudar nesse ensaio pode ser percebido etnograficamente sob uma gama de focos diferentes. Para finalidade desse estudo, o foco se estabeleceu para o entendimento do funcionamento da técnica através de sua descrição e de sua relação com a identidade de lavadeira entre essas mulheres. De modo que uma variedade de socialidades e sociabilidades urbanas são passíveis de investigação entre esse grupo, o que não se apresenta como objetivo central agora.

²Não se pode dizer que a minha observação era de fato participante, pois eu não lavava nem engomava as roupas junto com as lavadeiras, mas fui pedido várias vezes para *apanhar* as roupas nos *varais*, que de fato obedeci sob a prerrogativa do bom relacionamento.

com a idade avançada, os efeitos de horas em posições acoradas e de constante movimento de cima para baixo com roupas molhadas e pesadas.

Ser lavadeira, na concepção dessas mulheres, não é pura nem simplesmente deixar a roupa 'limpa', é seguir um conjunto de passos especializados que deixam a roupa verdadeiramente 'limpa' – individualmente, sem cadeia de lavagem –, para a então engomagem que também faz parte do lavar, por deixar a roupa apresentável ao cliente, pronta para uso.

A cidade de Açú, situada na microrregião do Vale do Açú, sertão do Rio Grande do Norte, tem as lavadeiras como uma das profissões com o *status* de uma das mais antigas da região – como nos mostra D. Francisca, com mais de 80 anos de idade³. Contando atualmente com aproximadamente 53 mil habitantes, de acordo com o Censo do IBGE de 2010, a cidade já foi palco principal da expansão da criação de gado e da colonização no interior do Rio Grande do Norte pelos portugueses e holandeses – os primeiros estabelecendo colonos e criação de gado, os segundos, apenas como região de exploração, como conta a historiografia oficial (TEIXEIRA & FERREIRA, 2006). D. Ceição conta com entusiasmo que partiu de iniciativa do Prefeito Ronaldo Soares, à época de 1985, a construção da Lavanderia Pública, importante feito político e eleitoral que até hoje é lembrado pelas lavadeiras quando das eleições municipais.

Contando com uma importante parcela de sua economia na área rural pela agricultura, principalmente se tratando de fruticultura, a cidade possui também uma considerável movimentação na pecuária, na indústria (cerâmica e petrolífera) e na pesca (IBGE, 2010). Além de que seu comércio atende a diversos municípios limítrofes que compõem a região do Vale do Açú. Deste montante, os principais clientes das lavadeiras açuenses encontram-se no setor da indústria e do comércio, além da grande parcela de funcionários públicos da região.

Antes de me deter acerca do processo técnico no qual as lavadeiras de Açú se especializam, situarei essas mulheres através de sua memória, uma vez que contam com um importante passado narrado etnograficamente em suas falas. Com isso, intenciona-se inicialmente acessar o caráter de tradição que permeia a técnica de “lavar à mão” e “engomar” na nossa cultura, através de sua narrativa. Há um elo entre as *lavagens de roupa* feitas antes, às margens do rio Piranhas-Açú, e as que são feitas atualmente na Lavanderia Pública da cidade – há uma continuação do que era feito, sendo, no entanto, reconfigurado pela nova estrutura que abarca a Lavanderia. Nesse sentido, procuro confrontar o rio e a lavanderia – quais diferenças e semelhanças e ensaiar um porquê sobre o que se perpetuou – por meio da narrativa, um processo mnemônico fundamental que possibilita o acesso ao passado de forma oral (JANET *apud* LE GOFF, 2003), que, pela impossibilidade de me transpor ao passado fisicamente ou através de documentos - por sua inexistência –, se mantém

³À época das lavagens no rio Piranhas-Açú, aproximadamente entre os anos de 1960 e 1980 – como pode ser estabelecido através do período de trabalho de cada lavadeira no rio – a população da cidade estava entre 20 mil e 35 mil habitantes, conforme Censos do IBGE.

como o único meio disponível desse alcance histórico que a etnografia constitui⁴. Posteriormente, o texto desemboca em detalhes sobre a técnica em si nos dias de hoje, travando uma discussão acerca da identidade da lavadeira e de sua vivência enquanto tal.

I

A construção da Lavadeira Pública trouxe novas configurações para o dia-a-dia das lavadeiras, mudou a maneira como seus parentes próximos participam do seu trabalho, o uso do tempo, de como se utiliza o espaço; mas continuou-se com a forma como lidam com o conhecimento sobre o tempo, sobre o que fazer para deixar uma roupa verdadeiramente limpa, e, principalmente, o ser lavadeira “de verdade” continuou a ser composto pelos mesmos princípios. O passado é trazido à tona, mas as lavadeiras regozijam-se em não precisarem mais se dirigir ao rio diariamente para trabalhar, dado ao esforço físico despendido para tanto, principalmente, pelas longas caminhadas (carregando os fardos de roupas) que necessitavam realizar para chegar ao rio – em média duas horas de caminhada para ir e mais duas horas para voltar transportando as roupas.

A região que compreende hoje a zona urbana da *cidade* do Açu⁵ se edificou propriamente desde a época do Brasil Colônia, relativamente distante do rio Piranhas-Açu, que tem ao seu redor grandes propriedades de terras. Essa ocupação do território a oeste do rio talvez possa ser ligada à edificação, às suas margens, do Presídio Nossa Senhora dos Prazeres em 1696, após a dizimação dos índios da região, na Guerra dos Bárbaros (1688-1713)⁶ – que contou com a ribeira como um dos palcos dos combates (PUNTONI, 2002; TEIXEIRA & FERREIRA, 2006; CMD 31312. PP.3, CMD 31330. PP.11, CMD 31341. PP.2). No entanto, o fato é que, para chegar ao rio, é preciso percorrer um caminho longo entre duas fazendas cercadas – típica estrada de terra. Era um caminho diário da zona urbana à rural. O percurso das lavadeiras até o rio se iniciava às quatro horas e meia da manhã, pois precisavam estar lá às seis horas e meia para melhor aproveitarem o dia, uma vez que realizavam o caminho a pé. O caminho era feito de fora para dentro da cidade, elas saíam em direção a rodovia estadual RN e davam a volta por dentro de fazendas que acessavam o rio, caminho mais curto.

Com nascente no estado da Paraíba, da junção dos rios Piancó e Peixe na Serra do Boncá, cuja foz encontra-se no litoral do Rio Grande do Norte, o rio perene Piranhas (na Paraíba), Piranhas-Açu ou simplesmente Açu (Rio Grande do Norte) tem uma extensão de 447 km e alimenta duas represas ao longo do seu percurso, cortando atualmente muitas cidades – compondo-se, portanto, como bacia hidrográfica (MAFRA, 2005). Além da extensão de água clássica do rio Piranhas-Açu,

⁴ Sobre alcance histórico através de etnografia, ver Lévi-Strauss (2008).

⁵ Microregião do Vale do Açu, Mesoregião do Oeste Potiguar, divisão geográfica do Rio Grande do Norte.

⁶ Explicação das lavadeiras para a escolha do lugar à margem do rio para lavar roupas.

este se divide em cortes diversos em linhas d'água paralelas, e era às margens desses cortes de água que as lavadeiras de Açu se concentravam para lavar roupas no seu cotidiano de trabalho.

As lavadeiras procuravam sempre a extensão cuja margem apresentasse a melhor área de terra, que, segundo D. Alzira, não costumava ser no mesmo lugar por muitas vezes. A areia fina e seca era sempre tida como a melhor para estender e *quarar*, principalmente, porque essa areia recebia e acumulava muito mais calor do que o terreno molhado⁷ – crucial para estender. No entanto, antes de chegar à extensão de terra propícia, as lavadeiras precisavam atravessar outras linhas d'águas, barrancos e terrenos barrocos que eram inapropriados para as *lavagens* de roupa – que, por sua vez, dificultavam o acesso à linha d'água desejada. Essa travessia exigia esforço e desventura, principalmente, na volta pra casa, quando havia o risco da maré⁸ estar alta ou de estar chovendo – o que acarretaria o aumento do nível da água do rio. O esforço era potencializado pelo cuidado que as roupas limpas necessitavam, uma vez que, evidentemente, não poderiam ser molhadas ou danificadas pela água e/ou lama que encontrassem pelo caminho.

Para mergulhar de maneira mais densa à época das lavagens no rio Piranhas-Açu, faço uso da narrativa coletiva realizada pelas próprias lavadeiras em uma das tardes que passei na Lavanderia. Sob a conjuntura marcante de um dia que começa ensolarado e termina chuvoso, elas me detalham como era realizada a técnica de lavar e engomar “naquele tempo”, as dificuldades da época, a travessia do rio com os fardos equilibrados na cabeça, a relação com os clientes e, principalmente, as ligações e as continuidades que ainda mantêm com o que era realizado às margens do rio. E é por meio desse olhar que lanço mão de uma descrição da “época do rio”. Antes de continuar com a descrição, é importante que o leitor se situe em relação a alguns termos. Ao se falar em “trouxa de roupa”, faz-se referência a um amontoado desordenado de roupas sujas, e, ao se referir às roupas limpas (e engomadas) em alguma ordem, utiliza-se do coletivo como “fardo de roupas”. Percebe-se que é entendido, entre as lavadeiras, que as trouxas de roupas seriam mais pesadas do que os fardos, seguindo a lógica de que a sujeira acarretaria mais peso. No entanto, era na volta para casa que se exigia maior esforço corporal das lavadeiras, pois as roupas limpas necessitavam de maior cuidado para serem transportadas, sujá-las significaria perder um dia de trabalho, desempenho corporal etc.

Por volta das seis horas e meia da manhã, as lavadeiras já teriam chegado à margem do rio desejada. Transportando trouxas de roupas, produtos de limpeza, sacos plásticos de variados tamanhos e comida, elas logo visualizavam o terreno próximo à margem e dividiam-no de acordo com cada etapa do processo técnico de lavagem. Em se tratando de lavar roupas no rio, esse primeiro momento pode ser tomado como um dos passos que compõem a lavagem ribeira, técnica; primeiramente,

⁷ Para mais detalhes acerca da Guerra dos Bárbaros, ver Puntoni (2002).

⁸ O rio Piranhas-Açu é afetado pela maré, segundo Mafra (2005); sendo chamado pelos habitantes locais, incluindo aí as lavadeiras, de “rio cheio” ou “rio seco”.

era encontrado um local protegido de raios solares para resguardar a comida e a água, trazidas para prover o dia, após isso, cada lavadeira procurava separar a área de terra para compor a lavagem.

Antes de molhar as peças, as roupas eram separadas em categorias e subcategorias, de acordo com tamanho, cor, tipo de tecido e tipo de peça (calça, lençol etc.), exatamente como é feito atualmente na lavanderia – etapa que descrevo com mais detalhes mais à frente –, entretanto, antes eram utilizados sacos plásticos para dispor as roupas ao chão. Após separadas, as peças eram lavadas segundo uma ordem crescente que correspondia das mais leves às mais pesadas (por. ex. peça leve: tecido de ceda; por. ex. peça pesada: redes de dormir) para que as lavadeiras não ficassem tão cansadas logo de início. Essa lógica de ordem é diferenciada da utilizada hoje na lavanderia, cujo porquê arrisco uma alternativa: as lavagens na “época do rio” exigiam muito esforço físico demandado pelas longas caminhadas e carregamento de trouxas/fardos, isso exigia de cada lavadeira uma otimização do esforço na lavagem. E, como há uma diminuição do esforço na Lavanderia, a ordem principal passa a respeitar uma otimização do tempo, ordem essa também presente na “época do rio”, mas em segundo plano.

Cada lavadeira, ao escolher seu local, tendo já separado as roupas em categorias e escolhido os outros lugares de cada passo da lavagem, sentava-se sob à margem do rio e utilizava um saco plástico para proteger a roupa da areia enquanto as ensaboava – utilizando um simples sabão em barra dentro de uma meia de algodão. Cada peça era ensaboada cuidadosamente – observando quaisquer sujeiras mais difíceis de retirar –, e colocada sob outro saco plástico à espera de ir para outra etapa, o *quarar*. Quando uma categoria de roupas estava completamente ensaboada, era hora de colocá-las para *quarar*. O lugar do quarador era escolhido sempre em um terreno um pouco mais afastado da margem, era preferível um local mais alto do que o resto da área. Colocava-se as roupas estiradas e ainda jogava-se água com sabão sobre elas, e isso se repetia com todas as categorias ordenadamente. Após o período do *quarar*, era hora de enxaguar as peças, uma por uma, tirando todo e qualquer vestígio do sabão.

No horário do almoço, como é feito na Lavadeira, as lavadeiras paravam para almoçar, e era um momento de descanso somente por alguns poucos minutos, logo retornavam para a lavagem. Com o enxaguar finalizado, as lavadeiras estendiam cada peça de forma a não danificá-la. Para estender as roupas, as lavadeiras se arranjavam como podiam. Improvisavam varais entre árvores, usavam as cercas das propriedades próximas ou estendiam sob plásticos ao chão. Secas, as roupas eram dispostas em fardos e levadas para casa. Todo esse processo era realizado até às 4 horas da tarde. Na volta, as lavadeiras atravessavam correntes d’água, regiões barrosas e barrancos que precisavam subir, tudo isso carregando trouxas na cabeça.

Cada passo descrito nesse momento, ou nos itens que se seguem com mais detalhes, são igualmente importantes para o processo de lavar e engomar das roupas, cada processo incrementa mais limpeza na roupa, de modo que a incompletude

descharacteriza a limpeza e a lavadeira enquanto tal. Com isso, ao sair das margens do rio, a lavagem poderia ter sido completada no que concerne ao tirar a sujeira, mas a engomagem é o que completa definitivamente a roupa para ser entregue ao cliente.

D. Ceição me conta que “naquela época do rio”, elas se utilizavam de ferros à brasa para engomar as roupas, “ou seja”, me diz, “era muito mais trabalho, meu filho, mais cansativo”. E continua, “a gente chegava do rio e cada uma ia para as suas casas, cada uma engomava a roupa sozinha”. Ela me conta que não havia muita diferença do *engomar* para os dias da lavanderia, com exceção da feitura da goma. Segundo as lavadeiras, a goma utilizada para passar na roupa para ajudar na engomagem era a própria goma de farinha de mandioca, comprada no supermercado. Elas diluíam a goma em água e passavam um pano fino encharcado dessa água em cada peça, com exceção das toalhas de banho que não viam ferro.

Para finalizar o dia de trabalho, a própria lavadeira precisava entregar na casa do cliente o fardo de roupas limpas e engomadas, recebendo assim seu pagamento. Diferente de hoje, uma vez que os clientes entregam e buscam as roupas. É perceptível que, de forma geral, há um espectro de luxo em ter as roupas lavadas por uma lavadeira na cidade. As lavadeiras me relatam que, atualmente, é raro ter clientes de menor poder aquisitivo, inclusive veem com maus olhos aqueles que tentam barganhar ou não pagam no período acordado os valores das lavagens. Ter a *roupa* lavada por uma lavadeira da cidade é visto como artigo de luxo; ter uma roupa verdadeiramente bem lavada, por alguém que sabe “verdadeiramente” lavar uma roupa, confere *status demonstrativo de poder aquisitivo*.

Não há, especificamente, um mito ou uma explicação qualquer sobre o surgimento desse modo de lavar roupas ou engomar, sabe-se apenas que cada uma aprendeu com outra lavadeira mais velha, quando eram adolescentes – a maioria começou a ser lavadeira ainda na adolescência. No entanto, há um conhecimento que é perpetuado, não se sabe quem o inventou, na verdade, isso não é necessário entre essas mulheres, basta-lhes aprenderem a técnica e a executarem com exatidão. Muito embora haja um caráter coletivo do ser lavadeira, há muito de engajamento individual nesse ofício, tanto no que concerne ao corpo de cada uma, ao se dedicar a lavar as roupas, como pelo trato com o cliente e com a definição do valor de cada lavagem. Essa individuação no ofício também é materializada na cobrança dos valores de cada lavagem, que, mesmo correspondendo genericamente ao esforço despendido para cada lavagem – que geralmente é consenso geral –, diz respeito ao que cada uma considera justo e necessário para que o cliente continue. Por isso, é difícil mensurar com exatidão o quanto se ganha enquanto lavadeira, isso é válido mais veementemente para “a época do rio”, uma vez que na lavanderia as lavadeiras adquirem um grau de independência muito maior.

Não há facilidade, como dito, em tentar delimitar a origem e a forma de estabelecimento dessa técnica de lavar e engomar, a qual descrevo em duas épocas diferentes nesse texto. Ainda que não me arrisque a uma explicação que encerre o problema, vejo que as mulheres que se engajaram em lavar roupa na cidade sempre

procuraram uma alternativa que lhes fornecesse acesso à água e à energia elétrica – no caso das engomagens com uso de ferro à brasa – sem gastos, o que oneraria o ofício, caso contrário, precisariam pagar. No trato de o porquê ensaboar, *quarar*, enxaguar, estender, engomar fazem parte do processo que ‘realmente’ limpa a roupa entre as lavadeiras e seus clientes, não é muito claro. Parece-me que, entretanto se procure delimitar ações lógicas para limpeza, o processo é composto e controlado por aquilo que é tido por elas de forma cultural. Não posso dizer aqui que se trata de uma tradição inventada, nos termos de Hobsbawm (1984), o “lavar à mão” e o “engomar”, mas sim de uma tradição tão remotamente conhecida que se perdeu sua origem – ao menos não há interesse nisso para as lavadeiras.

O meu argumento até este ponto é, ao descrever às lavagens “à época do rio”, que as lavadeiras mantêm continuidades com o passado que podem ser visualizadas na técnica e na forma como utilizam o espaço da lavanderia, principalmente. Essa continuidade, embora venha a ser carregada de reconfigurações, acaba por desembocar numa tradição de lavar à mão e engomar que não se sabe quem a iniciou, uma vez que, aprendeu-se com lavadeiras mais antigas. Um conhecimento repassado aos parentes e pessoas mais próximas interessadas, sem um mito de origem. Mesmo que esse mito não haja, é constantemente evocada a experiência no rio Piranhas-Açu como um começo das *lavagens de roupa de ganho*, ainda mais quando se conta que em alternativa ao rio, as lavadeiras já lavaram roupas em poços e cisternas abertas na mata fechada⁹.

II

Segundo Lévi-Strauss (2008), perceber a história do grupo estudado é crucial para entendê-lo, mesmo que essa história seja de pouco alcance; nesse sentido, uma vez que falamos em processos culturalmente diferenciáveis sobre “n” questões, ainda que nos refiramos a um conceito que seja similar – em forma – em grupos distintos (ocidentais, por exemplo), o processo que dará origem a essa noção, tanto para a sua construção quanto para a sua consciência, não pode necessariamente ser o mesmo – devido justamente à especificidade histórica de cada grupo/sociedade. E nesse eixo problemático, é que intenciono refletir a respeito das lavadeiras em questão, que têm o processo técnico de *lavagem* e *engomagem* (tomado genericamente entre as ‘nativas’ como “lavagem”) como agente protagonista do processo de tomada de construção, e mais especificamente da consciência, de uma identidade de ser lavadeira, que, como veremos, suscita o engajamento corporal como atuante mais claro, por meio de técnicas corporais que situam-se num modo de se estabelecer enquanto sujeito empírico.

Antes de tudo, cabe primeiro descrever onde trabalham essas lavadeiras e o que isso implica. A lavanderia é um estabelecimento municipal que está localizado

⁹ D. Maria conta que quando o rio estava “seco”, ou por alguma outra eventualidade, ela e suas companheiras acabavam lavando roupa em algum poço ou fonte d’água aberta da tubulação da Adutora que passava pela região. Elas retiravam água de lá e lavavam em bacias em terreno próximo.

a oeste da cidade de Açu/RN, em um bairro próximo à zona periférica da cidade; cercado por muros não tão altos, a lavanderia tem um portão gradeado da mesma altura dos muros, que fica sempre aberto, de início ao fim do dia. Pode-se visualizar sua forma arquitetônica ao lembrar-se da letra “U” de cabeça para baixo. Cada lado deste “U” compreende um conjunto de 22 pias igualmente proporcionais que formam duas fileiras justapostas. Ainda sob essa fileira dupla, está uma caixa d’água de 10.000 litros; ao fundo de cada lado, se situa um conjunto de 8 tábuas de engomar roupa dispostas duas em cada lateral e quatro ao fundo, feitas de alvenaria e chamadas pelas próprias lavadeiras de “pedras”. Entre esses dois lados iguais, ainda lembrando do “U”, há dois banheiros um de cada lado, e, ao centro, uma espécie de dispensa que serve de cozinha para um grupo de lavadeiras dispostas no que chamaremos de lado A – composto por maior número de parentes – e, no lado oposto, temos o que chamaremos de lado B – que compreende às lavadeiras sem relações de parentesco – que, ao invés de ser um grupo de parentes, têm, quando no máximo, uma filha, sobrinha ou neta que ajuda na *lavagem* ou *engomagem* das roupas. Em todos os lados desse “U”, inclusive entre os lados A e B (e atrás do “U”) há espaços gramados, não cobertos, usados para o *quarar* das roupas. Ainda entre as laterais da parte coberta da lavanderia (os lados do “U”), tem-se uma cisterna utilizada para o armazenamento de água para uso, caso a água da caixa falte. Além do espaço físico já construído pela Prefeitura, a Lavanderia compreende uma gama de *varais* dispostos pelas lavadeiras por todos os espaços, inclusive dentro dos banheiros e da dispensa.

Como se pode observar nessa rápida descrição, o espaço da lavanderia é totalmente aproveitado pelas lavadeiras, seja para *lavar*, *quarar*, *estender*, *engomar* e *guardar os fardos*, de modo que é necessário perceber o espaço como um dos instrumentos técnicos dessas profissionais. Esses instrumentos abrangem também os próprios produtos de limpeza (sabão, amaciante, anil, pau-de-bater, baldes e bacias) e aqueles utilizados para a *engomagem* das roupas (amido de milho, água, ferro de passar, baldes e bacias) que as lavadeiras estabelecem uma relação de significação, no sentido que é também através destes que as lavadeiras constituem relações com os clientes e também entre si.

Por meio de uma especialização de cada passo, um sistema de *lavagem e engomagem* à mão é significado tecnicamente entre as lavadeiras. Tomo aqui a linha de pensamento acerca da técnica a partir de Mauss (2003b), que vai estabelecer até os atos mais simples do corpo como técnica (andar, nadar, se lavar, caçar etc.). As lavadeiras açuenses apresentam um fazer (corporal) técnico, aprendido através da interação entre as que não sabem e as que sabem do ofício, um *fazer tradicional e eficaz*, assim como conceitua Mauss (2003b). O conhecimento de lavar e engomar roupa à mão são passados oralmente de geração a geração entre essas lavadeiras – seja em grupos de afinidade por parentesco ou por relações de amizade –; mesmo antes de se estabelecerem na lavanderia pública, elas já se apresentavam com um conhecimento tradicional (antes lavavam roupa no rio Piranhas-Açu que corta a

cidade), de modo que esse saber é tido, inclusive, como naturalizado¹⁰. Desse modo, dizer que algo é técnico entre um grupo cultural quer dizer que essa prática provém de um sentido socialmente construído e de uma especialização (saber e prática) – e que abarca relações a partir dele e sobre ele.

O lavar e o engomar roupas compreendem, basicamente, desde a aplicação correta de produtos de limpeza, o uso correto de determinados espaços da lavanderia – que implica não somente o saber usar uma pia ou uma *pedra* mas em consonância à relação que se estabelece entre as lavadeiras para o uso de espaços “pertencentes” a outras mulheres –, o conhecimento acerca do meio-ambiente, e principalmente um conjunto de ações específicas em cada passo do processo, executáveis por conhecedoras autênticas. Ao chegar à lavanderia por volta das 6 horas da manhã, as lavadeiras iniciam a separação das roupas sujas (no espaço entre as *pedras*), verificando se há qualquer papel ou dinheiro nos bolsos, e separando em pilhas ao chão os tipos diferentes de roupas, segundo seus tecidos e cores. Roupas brancas e roupas coloridas constituem no que chamaremos em categorias maiores de roupas, essas categorias maiores se segmentam em subcategorias que compreendem roupas que devem ser lavadas também em separado, elas são: lençóis, toalhas, roupas íntimas, roupas jeans, roupas leves (camisetas, saias, calções de algodão ou poliéster), e outras peças, como moletons e casacos, também são separados isoladamente.

Depois de feita a separação, as lavadeiras lavam cada categoria de roupas por vez, que se inicia com *ensaboar* as peças, que podem ser ensaboadas somente com o uso da mão, ou ter o auxílio de uma espécie de porrete chamado pelas lavadeiras de pau-de-bater, pois elas literalmente utilizam-no para bater a roupa, para que com o impacto a roupa se movimente em torno do sabão de forma mais forte. O segundo momento compreende ao que as lavadeiras chamam de *quarar*, em que as peças já ensaboadas são colocadas sob os locais gramados da lavanderia para que descansem ao sol, para aumentar ainda mais o poder da limpeza. Dispondo cada roupa de forma bastante esticada, a lavadeira ainda joga sob ela água misturada com sabão (quanto melhor ensaboada, mais eficiente será o *quarar*). Enquanto algumas categorias de roupas quaram ao sol, outras passam pelo primeiro momento, e a ação se repete. Em relação às roupas brancas, após o ensaboar e ao *quarar*, essas peças são submersas em anil (branqueador de cor azul para tecido) misturado à água, forçando assim maior brancura. Cada um desses momentos não tem um tempo rígido demarcado, mas a atenção quanto ao período é grande, pois passado do tempo necessário a roupa pode ser danificada.

Terminado de *quarar*, as roupas estão prontas para serem enxaguadas na pia. Com o excesso de água, é feita a retirada de todo o sabão, momento esse atencioso, pois caso deixe algum vestígio de sabão, a roupa não poderá se engomada corretamente,

¹⁰ Em uma primeira conversa dentro dos parâmetros dessa pesquisa com uma lavadeira, tentei introduzir o depoimento de como se dá a lavagem de roupa, e de forma humorada, Rosa me fala que: “você é burrinho, viu?! Se lava roupa com água e sabão”.

porque o contato da roupa ainda com sabão ao sol deixará essa peça sob um aspecto “duro” (“teso” segundo as lavadeiras), precisando assim ser lavada novamente. Feito o enxague, as roupas são dispostas sob amaciante misturado à água – as lavadeiras se utilizam da tampa da garrafa que traz o amaciante como medidor e misturam uma medida de tampa de amaciante a cerca de 20 litros de água dispostos em bacias ao chão, próximo a pia.

Como parte da lavagem, o momento de *estender* as roupas nos varais também é importante, porque é através do *enxugar* ao sol que a roupa vai secar e ficar realmente lavada, e é no conjunto de ações que a técnica se confirma como tal. É importante lembrar que o processo de *lavagem* não se encerra ao mesmo tempo em todas as categorias de roupas, cada uma delas passa por todo o processo sozinha. Isso vai se repetir também na *engomagem*, para a melhor disposição das roupas no fardo (para que aja uma melhor organização das roupas empilhadas, deixando o fardo alinhado e possível de ser carregado sem que as roupas se amassem), nessa etapa, as roupas devem ficar dispostas nos varais de forma a não deixar que fique esticada demais, o que, segundo as lavadeiras, danificará a peça, deixando-as maiores do que eram antes da lavagem (as roupas “mais finas” como camisas sociais e vestidos de gala devem ser colocados em cabides para poderem ir para os varais).

Como as lavadeiras passam o dia na lavanderia, pois cada minuto é precioso para dar conta das *lavagens*, elas fazem suas refeições no próprio espaço das *pedras* de engomar. Esse almoço é trazido por um familiar, geralmente um filho ou neto, isso no que diz respeito ao lado B, pois no lado A, costuma-se cozinhar o almoço na própria lavanderia, na dispensa onde dispõem de fogão – outra evidência de que a maior intensificação de relações parentais no interior da lavanderia aumentou a apropriação do espaço como “propriedade”, pois isso se torna válido pelos parentes estarem majoritariamente na lavadeira, desde as próprias lavadeiras, às filhas dessas lavadeiras e os seus netos e netas crianças. Nesse sentido, é possível então perceber uma ordem, às mulheres, a lavanderia é espaço de trabalho e livre trânsito, aos homens (não parentes) se confere a tarefa de entregar os *fardos* aos clientes – fica implícito que os homens parentes podem transitar, ou os homens com algum tipo de afinidade, sendo vedado a estadia por muitas horas de desconhecidos ou não-parentes com os quais não se tenha grande afinidade; no entanto, quase nenhum homem deve passar muito tempo na lavanderia. O tempo do almoço pode ser compreendido assim como um período de descanso, mas isso não impede socialidades, conversas que materializam, através da interação significados sobre os clientes, as roupas e outras informações acerca dos parentes de outras lavadeiras e dos próprios clientes de que tem notícia.

Mesmo que a roupa já esteja limpa após a sua secagem, é somente após a *engomagem* que essa peça recebe a qualidade de totalmente limpa entre essas lavadeiras. Isso compete uma tecnicidade à limpeza da roupa, que precisa passar por todos os dois processos que compreendem *lavagem* e *engomagem* – isso fica

evidente quando algum cliente não quer contratar o serviço de engomagem e a lavadeira entende que o serviço não foi devidamente completado, faltando assim a *engomagem* para a completa “limpeza” da roupa.

As roupas costumam ficar secas ainda na parte da manhã, e outras à tarde, antes das 14 horas, quando o clima está ensolarado – o que é muito difícil de não estar. Do mesmo modo que a Lavagem, a Engomagem se inicia com a separação das roupas, que são separadas por categorias maiores (roupas coloridas e brancas) e subcategorias (relacionado ao tipo do tecido e à forma da roupa (saia, calça, camisa). Já no espaço das *pedras*, cada lavadeira posiciona uma ou mais bacias com as roupas amontoadas por subcategorias. Cada pedra equivale a uma tábua de passar grande que é forrada com tecidos grossos (lençóis e redes velhas) para que as roupas sejam mais bem engomadas – não se engoma a não ser sob uma superfície macia. Feito isso, está na hora de as lavadeiras criarem a *goma*, um composto simples de água e amido de milho, que servirá para que as roupas sejam mais bem esticadas a passada do ferro. Esta *goma* é borrifada ou colocada na roupa através de um pano que é umidificado.

Engomar não consiste simplesmente em passar com força o ferro sobre a roupa, há um modo certo entre as lavadeiras, um modo que elas mesmas não conseguem expressar claramente, elas executam. À guisa de observação, engomar consiste em passar o ferro na temperatura certa, em movimentos horizontais ou somente verticais (os dois movimentos não são feitos juntos) dispostos em todo o tecido da roupa, de forma que a peça não tenha uma parte do tecido amassada enquanto a outra é engomada, além de dever prestar atenção no tempo que o ferro fica sobre a roupa, pois excedido o tempo a roupa pode ser danificada. Por exemplo: uma camisa social é engomada aberta, a parte traseira é passada primeiro, depois a gola, as duas partes frontais ao final; sempre de forma a não deixar alguma parte ser amassada durante esse processo. Engomada, a roupa é então dobrada e empilhada com outras, de maneira a formar um fardo quadrado.

Concluído uma *lavagem* (forma genérica de nomear o serviço completo), o fardo é então entregue ao cliente que ou vem buscar e efetua o pagamento, ou recebe a *roupa* em casa. Quando é feita a entrega em domicílio, ela é feita por homens da parentela das lavadeiras ou pela própria lavadeira. Os clientes variam entre donas de casa a restaurantes ou hotéis – que ainda preferem a lavagem à mão por ser entendimento geral na cidade que é a melhor maneira de se lavar roupa. Os clientes que contratam os serviços das lavadeiras trazem as roupas em forma de *trouxa*, acompanhada geralmente dos produtos necessários à lavagem (sabão, amaciante etc.), no entanto, já percebi que aconteceu algumas vezes da própria lavadeira comprar algum produto que falte com o próprio dinheiro para que a lavagem seja bem feita ao máximo possível, mas esse exemplo fica-nos a título de exceção.

Durante todo esse processo de *lavagem/engomagem*, as lavadeiras estão em clima amistoso, conversando sobre assuntos que dizem respeito a variados temas, desde a política da cidade a situações noticiadas em telejornais que inspiraram

curiosidade, ou até conversas particulares com parentes. Mesmo que não haja um agente municipal na lavanderia que pudesse impor algum tipo de ordem, as lavadeiras se organizam sozinhas, cada uma conhece o seu espaço, cada uma tem a sua pia específica de lavar, seus varais, seus espaços gramados e suas *pedras* de engomar. O poder municipal só é ouvido ou visto quando há algum problema estrutural na lavanderia que precisa ser consertado, ou quando do recebimento das cestas básicas entregues pela Prefeitura às lavadeiras que recebem em períodos intercalados entre elas¹¹. Cada espaço é usado por uma lavadeira determinada que detenha certa “propriedade” sobre ele, de modo que o uso por outra lavadeira necessita de aberto conhecimento se a “dona” não precisaria dele para o momento em questão. Ou seja, o espaço é demarcado como pertencente a um grupo (nesse caso a um grupo e de forma segmentada a indivíduos) pelo seu uso simbólico contínuo, pois o espaço pode figurar palco onde o grupo se reafirma por meio de seus rituais e ações específicas (CARNEIRO DA CUNHA & VIVEIROS DE CASTRO, 2009; MAGNANI, 2002).

III

Segundo Mauss (2003b), o corpo se constituiu como o primeiro e o mais natural instrumento do homem, um objeto e um meio técnico. Nesse sentido, a humanização se conferiu no estágio da evolução pelo uso de técnicas que detinham o corpo como instrumento, meio e/ou objeto, de modo que as mãos, a linguagem e o próprio rosto eram objetos de ação técnica (LEROI-GOURHAN *apud* INGOLD, 1999). Entre as lavadeiras de Açu, é através de seus corpos que o processo técnico ganha forma, pois, mesmo que se use materiais e o meio para concretizar a limpeza das roupas, é pelo corpo, essencialmente, que a técnica ganha forma, pois é executada pelo corpo e sentida por ele – com o corpo a lavadeira lava a roupa (mãos), percebe se o tecido está sujo ou limpo (olhos, olfato). Esse engajamento corporal na execução da lavagem e engomagem propicia a formação da identidade de ser lavadeira, uma percepção enquanto sujeito empírico, executando o conjunto de ações que compõem a técnica com o próprio corpo.

D. Ceição (48) reclama: “Estou toda aleijada, minhas pernas dói, chego toda quebrada em casa”. Quando uma lavadeira que se dedica ao ofício há um certo tempo reclama de dores corporais (musculares, de coluna vertebral etc.), isso indica (para o grupo) sua ampla experiência nas lavagens de roupa, pois foi necessário dedicar-se corporalmente dia-a-dia no se levantar e se agachar, que compreendem o processo técnico de lavagem e engomagem, pois é por meio desse movimento corporal diário que as roupas são separadas ao chão e lavadas: ensaboadas na pia, postas a *quarar* nas áreas gramadas, enxaguadas em um balde ao chão, estendidas em varais e engomadas nas pedras; tudo isso feito por meio do carregamento de roupas secas (1^a. etapa da lavagem/engomagem: separação para lavar/ separação para engomar)

¹¹ Auxílio dado pela Secretaria de Desenvolvimento Social do Município de Açu às lavadeiras, é feita a distribuição de maneira aleatória, respeitando uma intercalação ordinária.

ou molhadas (todas as outras etapas da *lavagem*) pela lavanderia que compreende espacialmente o processo técnico.

Desse modo, portanto, podemos reiterar que, para Mauss (2003b), as técnicas que compreendem o corpo se mostram como um conjunto de atos executáveis por ele e por meio dele, de forma especializada e racional. E isso se aplica uniformemente ao grupo aqui estudado, a saber: ao se engajar corporalmente na lavagem e engomagem, a lavadeira tem consciência que desempenha seu trabalho com seu próprio corpo que pertence a ela, e não ao grupo, ou seja, é lavadeira pelo conjunto de ações que desempenha no processo técnico. No entanto, mesmo que a percepção sobre o corpo e seu uso pelas lavadeiras sejam uma confirmação de que se percebem enquanto tal, é através do grupo que isso é possibilitado, pois ao grupo cabe afirmar a necessidade desse engajamento para se tornar uma lavadeira – no momento em que há um conjunto de normas estipuladas por ele para definir uma boa lavagem/engomagem (*habitus*¹²).

Além do engajamento do corpo, que prenuncia que este pertence a alguém, a noção de ser lavadeira de Açú fica evidenciada também no modo de relação entre elas e entre os clientes e, ainda, entre a sua parentela em interação com a lavanderia. De modo que é baseado na *técnica* que a lavadeira é definida enquanto tal, por isso, a importância de compreender o grupo, e levar em consideração essa instância valorativa, que é atribuída a elas por elas mesmas, pelos clientes e pela sua própria parentela.

Ao estudar um grupo de pescadores no estuário do Amazonas, Sautchuk (2009) evidencia que a técnica está relacionada à construção da noção de pessoa entre os pescadores da Vila do Sucuruji, no Amapá. Nesse cenário, podem ser percebidos dois tipos de pescadores, o que pesca em alto mar (*pescadores de fora*, com emprego de anzol) e o que pesca nos lagos (*laquistas*, com emprego de arpão). Cada uma dessas atividades que eles executam em lugares específicos, sob um conhecimento especializado, propicia dinâmicas, socialidades entre humanos e entre não-humanos; são significados diferenciados para cada um desses grupos de pescadores. Segundo Sautchuk, são duas formas de elaboração do humano.

Assim como os pescadores no estuário do Amazonas (SAUTCHUK, 2007), as lavadeiras em Açú empenham-se através dos seus corpos, no seu *fazer* profissional, pois para elas, a lavagem à mão é vista como a melhor opção para uma boa lavagem. No entanto, não é somente através do tato que o engajamento corporal é evidenciado, muito mais está envolvido, como o olhar para perceber as roupas secas antes mesmo de tocá-las, o sentir o ambiente para saber se vai chover e se por isso é propício *estender* as roupas e até mesmo lavá-las. Ser lavadeira de verdade aqui é lavar roupa à mão, e não à máquina.

Além do engajamento corporal, há outra evidência que se apresenta para a

¹² *Habitus* seria um modo de agir, não somente estruturado no passado com vistas no presente, mas um conceito tomado pelos indivíduos em constante reformulação. Para uma discussão completa sobre *habitus*, ver Bourdieu (1989) e Setton (2002).

constituição da lavadeira enquanto identidade, refiro-me a situar essas mulheres como *empresas* (individuais). É por meio de sua relação interpessoal com a/o cliente que ela estabelece o acordo financeiro para a *lavagem*, e é enquanto empresa que ela funciona dentro da lavanderia, organizando suas atividades para o provimento de seus serviços. Aplico *empresa* aqui como empreendimento dentro de um entendimento organizado para sua execução. Apesar de todas as prerrogativas sociológicas que as lavadeiras possam estar inteiradas, elas não fazem parte de uma mesma execução do processo, como agentes numa linha de montagem. Mesmo que o processo usado por todas seja o mesmo, e que elas construam-no também juntas, é sozinhas que elas o executam, no sentido simbólico e físico. São lavadeiras que se percebem enquanto tal e identificam outras iguais a partir da obediência a esse conjunto de técnicas que compreendem a lavagem e engomagem. É isso, principalmente, que situa a diferença entre uma dona de casa que simplesmente lava suas roupas à mão, e uma *lavadeira* – um escopo sociológico.

Conclusões preliminares

Outro momento seria mais oportuno para debruçar-me acerca das relações parentais e de afinidade que suscitam a ocupação do espaço da Lavanderia Pública. Para este texto, preocupou-me em mostrar como as lavadeiras açuenses customizaram um conjunto de passos que compreendem seu modo de lavar e engomar roupa, mostrando-se como agentes profissionais em processos técnicos, tipicamente especializados.

Através de uma descrição de suas próprias experiências pessoais, Mauss nos mostra que a técnica compreende um conjunto de ações especializadas para um fim objetivo, que vão muito além do manuseio de objetos materiais de forma sistemática. Além de se utilizarem de objetos materiais específicos, as lavadeiras açuenses construíram um conhecimento ecológico que deu a elas um aparelhamento técnico para desempenhar as outras etapas do processo que compreende lavar e engomar roupas. Uma roupa fica limpa não somente por ter tido contato com o sabão e água, muito embora esse seja a concepção naturalista verbalizada por algumas. Lavar roupa significa seguir um conjunto criterioso de ações igualmente necessárias.

No diagrama a seguir, podemos ter uma ideia rápida do processo técnico de lavar e engomar roupas, ofício que suscita relações na lavanderia entre essas mulheres, estabelece obrigações parentais e estreita laços de afinidade. A atuação da família junto ao ofício da lavadeira varia. Há famílias onde todas as mulheres são lavadeiras, avós, mães, filhas e netas lavam e passam roupas; se ainda não o fazem, ajudam as outras através do aprendizado do trabalho que precisará desempenhar no futuro. Aos homens, não é permitido lavar roupa na lavanderia, não que haja regimento gráfico, mas, para as lavadeiras, ver um homem entre as mulheres lavando e engomando é como ver uma figura que destoa do todo o ambiente como um corpo

estranho.

Diagrama 1 - Processo técnico de lavagem e engomagem



Com isso, podemos perceber que uma técnica pode ser significada em lugares e situações que ao primeiro olhar leigo não pudesse ser notado, e não somente em situações e contexto já valorizados no pensamento antropológico. Como consideração introdutória e mais simples, intencionei mostrar aqui que um grupo de mulheres independentes financeiramente, chefes de família, também têm suas percepções enquanto indivíduos reforçados e estabelecidos através de seu *fazer* profissional, que as torna lavadeiras, ao mesmo tempo em que fazem delas líderes no seu próprio lavar/engomar, que é concernente com suas trajetórias pessoais de vida, de *lavadeiras*.

Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU, P. (1989). *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. & VIVEIROS DE CASTRO, E. (2009). "Vingança e temporalidade: os Tupinambá". In: *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo, Cosac Naify.
- FOOTE-WHYTE, W. (1975). "Treinando a observação participante". In: ZALUAR, A. (Org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora,
- GERTZ, C. (1989). "Por uma descrição densa". In: *A interpretação das culturas*. São Paulo, LTC.
- HOBBSAWM, E. (1984). "Introdução: a invenção das tradições". In: HOBBSAWM, E. & RANGER, T. (Orgs.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- INGOLD, T. "Tools for the Hand, Language for the Face: An appreciation of Leroi-Gourhan's Gesture and Speech". *Stud. Hist. Phil. Biol. & Biomed. Sci.* Vol. 30, No. 4, 1999. Disponível em: <<http://acc2013.files.wordpress.com/2012/02/wk-3-ingold.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/amostra/>> Acesso em: 13 jan. 2014.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2008). "Introdução: História e etnologia". In: *Antropologia Estrutural*. São Paulo, Cosac Naify.
- MAFRA, L C de A. M. (2005). *Estudo da dinâmica costeira da região da foz do Rio Piranhas-Açu para elaboração de mapas de sensibilidade do litoral ao derramamento de óleo*. f. 149. 2005. Dissertação de Mestrado em Geodinâmica e Geofísica. Natal, UFRN.
- MAGNANI, J. G. C. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Rev. Bras. Ci. Soc.* (2002), vol.17, n.49, p. 11-29.
- MALINOWSKI, B. K. (1978). *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 2 ed. São Paulo, Abril Cultural.
- MAUSS, M. (2003a). "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de 'eu'". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.
- _____. (2003b). "As técnicas do corpo". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.

PUNTONI, P. (2002). *A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Norte do Brasil, 1650-1720*. São Paulo, Hucitec / Edusp, 323p.

SAUTCHUK, C. E. (2007). *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuruji, Amapá)*. Tese DE Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UnB, Brasília.

SETTON, M. da G. J. (2002). “A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea”. *Revista Brasileira de Educação*. Nº. 20, maio/ago.

TEIXEIRA, R. B.; FERREIRA, A. L. “Cidade e território: mudanças e permanências no papel funcional da cidade potiguar”. *Scripta Nova. Revista Eletrônica de geografia y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de ago. de 2006, vol. X, núm. 218 (16). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-16.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2012.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO: CMD 31312. PP.3, CMD 31330. PP.11, CMD 31341. PP.2.

Recebido em dezembro/2012

Aprovado em agosto/2013